



Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — Lisboa
Director Interino: António G. Calvino

Composição e impressão:
TIP. ESCOLA DA A. D. F. A.
Rua de Artilharia Um — LISBOA

EDITORIAL

Percorremos já um ano em liberdade, um ano de luta, semeado de conquistas do povo trabalhador, conquistas essas que se somarão a tantas outras e que levarão à obtenção da verdadeira liberdade, porque a liberdade não se dá nem se recebe, conquista-se. O socialismo, a sociedade socialista que estamos edificando, também não se obtém por eleições ou constituições, o socialismo constrói-se dia a dia na luta comum dos explorados e dos oprimidos, dos despolitizados e dos analfabetos, que lá no íntimo do seu ser sabem o que querem, pelo que aspiram, mas ainda não sabem chamar pelos seus nomes, que ainda se perdem no emaranhado das terminologias, tão bem enredadas por «patrões de partidos» sedentos de alargar o seu domínio a todo o povo português.

O povo português, embora nem todo o saiba exprimir com clareza, não quer mais patrões, não quer mais colonizadores, quer libertar-se, quer ser senhor de si próprio, porque isso é que é democracia: o povo português não quer continuar a depender economicamente de senhores, nacionais ou estrangeiros, quer emancipar-se, quer ser senhor do que produz, porque isso é que é socialismo; o povo português não quer, por motivo da sua impreparação e falta de cultura, continuar a ser um simples objecto de transacção, nem ser presa fácil para políticos ávidos de poder, que disso mesmo se aproveitam e dizem que «o povo português sabe nas mãos de quem se deve entregar» — o povo não se entrega, o povo emancipa-se e liberta-se, porque isso é que é fazer uma revolução.

Os portugueses trabalhadores estão na revolução, estão na caminhada da libertação, dizem não às novas formas de domínio que se divisam e, ainda que por vezes a nível de subconsciente, formam um indestrutível movimento de libertação nacional e que, cada vez mais consciente, vencerá todas as barreiras que os reaccionários ou os novos oportunistas lhes levantam à sua passagem.

O povo fardado e o povo civil, a que pertencem todos os verdadeiros progressistas, prosseguirá irreversivelmente na batalha da cultura e da produção, rumo à vitória final, que será a libertação de todas as formas de opressão e colonização e a implantação do socialismo em Portugal.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Quem pode negar ao Povo a sua única e verdadeira forma de luta? Ninguém.

Superior a um pacto é uma aliança, superior a uma aliança é

o contrário, ele, M. F. A. será, terá que ser, a vanguarda armada do povo trabalhador.

O M. F. A. para além de sigla deve fomentar a organização das massas trabalhadoras, independente de ideologias partidárias. É o



Magalhães Mota (P. P. D.), Pereira de Moura (M. D. P. / C. D. E.), Mário Soares (P. S.) e Alvaro Cunhal (P. C.) — os quatro ministros sem pasta eleitos pelo círculo de Lisboa para a Assembleia Constituinte terão que optar entre a função de deputados e os cargos que ocupam no IV Governo Provisório

a realidade de um povo oprimido e explorado que não encontrou ainda a melhor forma de se organizar para mover a luta fatal contra o capitalismo.

Que significa votar P. S., votar P. C., e até votar P. P. D. ou C. D. S.?

Todos apregoam Socialismo. O M. F. A. definiu bem a linha da Revolução Socialista.

O P. S. lucrou com a frase: «opção socialista». Estamos num País onde apesar dos esforços de uma dinamização cultural sem precedentes, o caciquismo oportunista e alienador moveu um ataque cerrado aproveitando o obscurantismo político e religioso das massas camponesas para lhes continuar a mostrar o já divulgado bicho mau «comunismo».

E assim, nós portugueses, vimos em Abril, 25/75 o povo ir para os tais «caixões» chamados «urnas» depor uma arma (ficando desarmado?).

Ficaria de facto, se o M. F. A. assumisse uma posição de instrumento ditador da burguesia e considerasse consciente o voto das populações que, tal como vimos na televisão, nem sabiam o que era uma Constituinte.

Mas o M. F. A. não é a vanguarda armada da burguesia. Antes de

povo que o exige. São 48 anos de fascismo que o exigem. O M. F. A. tem que criar as condições necessárias à formação de um autêntico Movimento de Libertação e «Des-

colonização» Nacional. O obscurantismo político do povo português tem que, decididamente deixar de continuar a ser arma dos seus instrumentadores.

No campo da luta pelo socialismo há que definir posições?

Não se pode conceber que pessoas que vivem na extrema miséria tenham votado no P. P. D. e muito menos no C. D. S. Não se pode conceber que pessoas que pedem esmola sejam representadas por burgueses numa Constituinte de maioria burguesa.

— «M. F. A. anda para a frente! Estamos num momento de opção, opção teórica já definida, mas que urge definir na prática! Um socialismo sem classe. E lembra-te M. F. A., 90 % dos portugueses estão contigo porque tal como tu são trabalhadores explorados».

Eis os resultados do obscurantismo político de um povo que quer libertar-se:

Totais — eleitores: 6176559; votantes: 5665707 (91,73%); brancos-nulos: 393164 (6,94%); abstenções: 510852.

(Continua na pág. 2)

A ADFA ACUSA

Os implicados no 11 de Março

Transcrevemos a descrição geral dos acontecimentos inseridos no relatório preliminar sobre o golpe contra-revolucionário de 11 de Março, publicado numa edição especial do boletim do M. F. A., no qual se relatam as actuações dos elementos mais significativos implicados no supracitado golpe.

Descrição geral dos acontecimentos

MARÇO DIA 8

17,00 — Praça das Flores - Através de contactos efectuados principalmente por Miguel Champalimaud e tenente Nuno Barbieri reúnem-se vários indivíduos, entre outros coronel Durval de Almeida, José Vilar Gomes, João Alarcão Carvalho Branco, José Carlos Champalimaud, tenente Nuno Barbieri

e Miguel Champalimaud tendo estes dois últimos dito aos restantes que estava planeada uma operação de grupos de extrema-esquerda, denominada «Matança da Páscoa», na qual seriam mortos cerca de 1 500 civis e militares entre os quais o ex-general Spínola.

Seria necessário assim desencadear uma acção para neutralizar essa operação e que seria necessário também acompanhar o ex-general para Tancos donde se desencadearia toda a acção.

MARÇO DIA 9

22,00 — Praça das Flores — Reúnem-se novamente alguns dos indivíduos mencionados anteriormente

(Continua na pág. 3)

O DEFICIENTE e a EXPLORAÇÃO

(Continuação da página 8)

Se conseguirmos atingir os objectivos acima citados, mais facilmente se verificará como é exercida a exploração do deficiente.

O capitalismo é um sistema económico, caracterizado pela propriedade privada dos meios de produção, o que quer dizer que uma minoria é detentora das minas, dos bosques, das máquinas, das fábricas, enquanto que outros, a grande maioria, apenas têm de ser a força do trabalho.

Como as máquinas não funcionam sozinhas, nem os campos são produtivos sem serem cultivados, estabelecem-se determinadas relações entre os donos daqueles, e os trabalhadores.

De que tipos são estas relações? Para as compreendermos melhor, será necessário precisarmos o que é o trabalho, ou melhor a força do trabalho.

Qualquer que seja a profissão de um operário, seja ele soldador, tipógrafo ou mecânico, produz sempre determinado valor, independentemente do sector em que trabalha. Houve algo que transformou a matéria bruta através da máquina no produto final, e que lhe deu um valor.

Esse algo é a força do trabalho que o capitalista compra ao operário.

Mas se o operário um dia produz um valor X, recebe muito menos. É obrigado, para prover às suas necessidades, a vender a sua força de trabalho a um preço muito inferior, apropriando-se o capitalista da parte de leão.

Ao valor produzido mas não recebido pelo operário dá-se o nome de mais-valia.

Ao trabalhador é sempre subtraído uma grande parte do valor que produziu parte essa que o capitalista emprega quer para adquirir novas máquinas (reinvestimento) quer para seu uso próprio.

É importante notar que a lei do próprio sistema não admite outra alternativa.

Mesmo que um capitalista quisesse aumentar os empregados (sem aumentar os seus produtos), os seus lucros baixariam, não permitindo comprar máquinas mais poderosas para fazer face aos concorrentes, acabando por ficar para trás em relação àqueles e seria absorvido ou iria à falência.

Enquanto a uns interessa explorar mais, pois só assim mantém a situação de privilegiados, aos trabalhadores interessa acabar com este tipo de relações.

As relações existentes entre capitalista e trabalhador são sempre **RELAÇÕES DE EXPLORAÇÃO**.

ASSEMBLEIA GERAL

(Continuação da pág. 7)

trabalhadora.

Temos ainda:

Uma Secretaria Geral, Secção de Contabilidade, Bar e Sala de Recreio, totalizando 38 empregados.

«A vitória é difícil mas é nossa». A luta há-de continuar e que, Direcção alguma se lembre de enveredar pelos tristes caminhos da cúpula.

Havemos de chegar ao fim da estrada ao lado do nosso único aliado e sócio honorário — O Povo Trabalhador.

ELEIÇÕES

Totais em relação aos partidos e deputados eleitos: (Cont. da pág. 1)

Partidos	N.º de votos	Deputados
Socialista (P. S.)	2145392 (37,87%)	115
Popular Democrático (P. P. D.)	1494575 (26,38%)	80
Comunista (P. C. P.)	709689 (12,53%)	30
Centro Democrático Social (C. D. S.)	433153 (7,65%)	16
Mov. Dem. Português (M.D.P./C.D.E.)	233362 (4,12%)	5
Restantes partidos	256422 (4,53%)	(UDP) 1
Frente Socialista Popular (F. S. P.)	66161 (1,17%)	—
Movimento de Esq. Socialista (M.E.S.)	57682 (1,02%)	—
Unidade Dem. Popular (U. D. P.)	44546 (0,69%)	1
Frente El. Comunista (F. E. C. m-1)	32508 (0,57%)	—
Partido Pop. Monárquico (P. P. M.)	31809 (0,56%)	—
Partido Un. Popular (P. U. P.)	12984 (0,23%)	—
Liga Com. Internacionalista (L. C. I.)	10732 (0,19%)	—

CONTA DE: RECEITAS / DESPESAS EM 31-12-1974

DESPESAS		RECEITAS	
Imobilizado	1 028 162\$40	Bar	78 551\$20
Gastos com o pessoal	324 444\$10	Heranças, legados e doações	787 019\$50
Gastos de conservação e reparação	2 374\$70	Donativos	9 723 909\$36
Comunicações, transportes e estadias	44 390\$50	Festas	120 990\$50
Festa de Natal	71 971\$40	Juros de Depósitos à Ordem	7 434\$10
Propaganda e publicidade	15 164\$80		
Despesas diversas	71 470\$60		
Custo de Vendas			
Bar	107 024\$40		
Jornal	35 000\$00		
Livro de Sá Flores	20 630\$00		
	162 654\$40		
	1 720 632\$90		
Resultado	8 997 271\$76		
Total	10 717 904\$66	Total	10 171 904\$66

BALANÇO EM 31-12-1974

ACTIVO		PASSIVO	
Disponível		Exigível	
Caixa	1 051 433\$66	Fornecedores	145 697\$30
Bancos	7 990 156\$80	Credores diversos ...	7 980\$70
	9 041 590\$46		153 948\$00
Realizável		Situação Líquida	10 025 434\$16
Devedores Diversos	109 629\$30		
Imobilizado			
Máquinas de escritório e material diverso	308 542\$90		
Tipografia			
Escola	719 619\$50		
	1 028 162\$40		
	10 179 382\$16		

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Camarada:

Ao receberes este parecer lembra-te de que esta Associação foi criada dentro do espírito revolucionário que o nosso País atravessa no momento, preocupando-se mais no início da sua existência, em reintegrar os DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS na sociedade que lhes tinha sido sempre hostil, de que com o apuro técnico que a contabilidade pudesse ter.

Tais factores levaram a que o CONSELHO FISCAL elaborasse um parecer com o seguinte teor:

«Tendo o Conselho Fiscal apreciado o relatório e contas referente ao exercício da Direcção relativo ao ano de 1974, chegámos à conclusão de que todas as verbas referidas nesse relatório se encontram justificadas.

«Notámos também que por falta de apuro técnico não aparece na conta de receitas/despesas em 31-12-74 as verbas abaixo:

- Quotização
- Existência do bar
- Entrada da verba do produto da venda do jornal ELO.
- Entrada do livro referente à venda do livro de Sá Flores.

Nesta conformidade deixámos à

Direcção o cuidado da justificação das falhas que constam no relatório.

DIRECÇÃO

Nascemos do nada e uma organização como a nossa ADFA não pode nascer perfeita. Há sempre erros técnicos próprios da inexperiência que aos poucos se vão eliminando.

Assim: 1 — As verbas de quotização foram lançadas: em 24/1/75 — Doc. de Caixa 300/75 — 55\$00; em 27/1/75 — Doc. de Caixa 317/75 — 30 300\$00. OBS. — Nestas verbas está incluído aproximadamente 1/3 que constitui receita para o jornal ELO, conforme deliberação da Assembleia Geral Extraordinária de 23/11/74.

2 — A existência do Bar não consta no balanço de 31/12/74 por não ter sido feito o inventário do mesmo.

3 — As verbas do jornal ELO foram lançadas: em 23/1/75 — Doc. de Caixa 284/75 — 11.510\$50. OBS. — Venda em Bancas e Assinaturas.

4 — As verbas do Livro de Sá Flores «O Sol da Noite» foram lançadas: em 17/2/75 Doc. de Caixa 515/75 — 100 000\$00.

Informamos ainda os camaradas associados que a escrita da nossa Associação poderá em qualquer altura ser consultada.

associação dos deficientes das forças armadas





PELA REINTEGRAÇÃO

Relatório Preliminar sobre o

11 de Março

(Continuação da pág. 1)

te, com outros aguardando neste local instruções para seguirem para Tancos.

Rua Jau—Alcântara—Ao mesmo tempo desenrola-se uma reunião de militares, entre os quais o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente-coronel Xavier de Brito, ex-tenente-coronel Quintanilha de Araújo, ex-major Silva Marques, tenente Nuno Barbieri e ex-tenente Carlos Rolo onde este confirma a «Matança da Páscoa» por notícias colhidas em Espanha, nos Serviços de Seguridad Espanhola, donde chegara naquele momento. Estes elementos decidem dar conhecimento e alertar o ex-general Spínola dirigindo-se para Massamá.

MARÇO DIA 10

00,00 — Rua Jau — Alcântara — Entretanto, por ordem do tenente Nuno Barbieri, o alferes Jorge de Oliveira dirige-se à Praça das Flores onde indica aos presentes que se devem dirigir para a Rua Jau onde se encontram com outros indivíduos, já contactados: José Vilar Gomes, Miguel Champalimaud, António Simões de Almeida, João Alarcão Carvalho Branco, José Carlos Champalimaud, António Ribeiro da Cunha, Gonçalo Bettencourt Ávila e Eurico Vilar Gomes que permanecem neste local até lhes serem indicadas missões concretas.

02,15 — Massamá — Chegam à residência do ex-general Spínola o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente-coronel Xavier de Brito e ex-tenente-coronel Quintanilha onde falam com o ex-general Spínola, a quem comunicam o que sabem. E-lhes, por este, respondido já ter conhecimento desses factos através dos Serviços Secretos Franceses. Entretanto o tenente Nuno Barbieri, ex-tenente Carlos Rolo, e ex-major Silva Marques planeiam o ataque ao emissor do Rádio Clube Português em Porto Alto.

Depois destes contactos o general Tavares Monteiro e coronel Durval de Almeida dirigem-se para as tra-seiras da Igreja de S. João de Deus onde se encontram com o tenente Nuno Barbieri que entretanto fora à Rua Jau trazendo consigo António Ribeiro da Cunha, José Vilar Gomes e Miguel Champalimaud que passam a fazer escolta armada àqueles três oficiais nos diversos contactos que fazem em seguida.

10,30 — Lumiar — General Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente Nuno Barbieri e os indivíduos que compõem a sua escolta dirigem-se para casa do major Sá Nogueira, no Lumiar, onde almoçam e donde fazem contactos nomeadamente com o ex-comandante Alpoim Calvão e ex-comandante Rebordão de Brito.

15,00 — Aeroporto — Dirigem-se ao Aeroporto o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida e José Vilar Gomes onde se encontram com o tenente-coronel Xavier de Brito e ex-tenente-coronel Quintanilha que vinham de fazer vários contactos com Unidades. Daqui seguem novamente para o

Lumiar onde vão chegando mais indivíduos como o ex-comandante Calvão, ex-major Silva Marques, ex-tenente Anaia e ex-tenente Carlos Rolo.

Nesta reunião é feito o ponto da situação avaliando-se as forças que estão do lado dos revoltosos e meios disponíveis. Definidas as missões de cada um, os presentes vão abandonando o local ficando combinado o encontro de todos eles e do grupo de civis que se encontram ainda na Rua Jau, na portagem da A.E. de Vila Franca de Xira, onde esperariam pela chegada do ex-general Spínola, seguindo daí para Tancos.

21,30 — Massamá — Fazendo-se transportar num Mercedes alugado, o ex-general Spínola dirige-se para a portagem da A.E. de Vila Franca de Xira, disfarçado com barbas postiças, acompanhado de uma escolta composta por civis armados.

22,00 — Portagem da A. E. — O ex-general Spínola, e seus acompanhantes, partem com destino a Tancos donde será desencadeado o golpe contra-revolucionário de 11 de Março.

22,30 — O brigadeiro Morais, comandante da Região Militar de Tomar, desloca-se a Santarém e procura o coronel Alves Morgado, comandante da E.P.C., tentando aliciá-lo. Não conseguindo a adesão pretendida, insiste, através de um contacto telefónico, cerca de 3 quartos de hora mais tarde. O novo encontro tem lugar junto do café Central. Esta tentativa não logrou melhor êxito, mas o coronel Morgado não denuncia as intenções dos contra-revolucionários.

Terceira insistência é tentada na manhã seguinte, através de um enviado do brigadeiro Morais — o capitão Veloso e Matos.

23,00 — No Restaurante da «Fateixa», em Carcavelos, o tenente-coronel Xavier de Brito encontra-se com o tenente-coronel Almeida Bruno que, para o efeito, convocou o major Monge e capitão Luz Varela. O objectivo deste encontro foi tentar aliciar o tenente-coronel Bruno e o major Monge.

MARÇO DIA 11

00,00 — Tancos — Começam a chegar à B. A. 3 os elementos conspiradores que se reúnem em casa do major Martins Rodrigues.

01,40 — É montado um sistema de segurança da Unidade e é regulada a entrada de elementos vários que entretanto chegavam e cujas viaturas não eram revistadas.

02,00 — Com a presença dos principais responsáveis pelo golpe, é feito o ponto da situação e o planeamento das operações a desencadear durante a manhã.

09,00 — São feitos «briefings» ao pessoal. O ex-general Spínola faz uma alocação aos pilotos dos helicópteros e dos T-6, em que se afirma estar a assistir-se à substituição das Forças Armadas e ser necessário intervir para manter a «continuidade» e a «pureza» do processo desencadeado no 25 de Abril.

Os meios aéreos destinados a

atacar o R. A. L. 1, aviões T-6, helicópteros e helicópteros, começam a ser municiados.

10,45 — Deslocam os primeiros meios aéreos destinados a atacar o R.A.L.1. Estes meios eram constituídos por 2 T-6, 8 helitransportadores, com 40 páraquedistas e 2 helicópteros. Quase simultaneamente, deslocam 3 Nordatlas com 120 páraquedistas destinados a cercar o R.A.L. 1. Mais tarde outra parelha de T-6 descolou com o fim de sobrevoar Lisboa a baixa altitude em acção de intimidação.

11,30 — Todas as Unidades da Força Aérea estão de prevenção rigorosa.

11,45 — Cerca das 11,45 horas deslocam-se à B. A. 3, de helicóptero o brigadeiro Lemos Ferreira e o tenente-coronel Sacramento Marques, como delegados do C.E. M.F.A. e C.E.M.E., para procurar esclarecer a situação.

11,50 — R.A.L. 1 — Esta Unidade é atacada pelos contra-revolucionários que na sua missão vêm a atingir as casernas dos soldados e os principais edifícios do aquartelamento, resultando um morto e 14 feridos. Neste ataque são consumidas 220 munições de metralhadoras dos T-6, calibre 7,7, 318 munições de MG-151 dos helicópteros, 20 mm e 99 foguetes Sneb, 37 mm, antipessoal.

12,00 — Aeroporto — É encerrado o tráfego civil.

Quartel do Carmo — Oficiais da G.N.R. no activo e outros já afastados do serviço, comandados pelo General Damião, prendem o comandante-geral e outros oficiais.

12,20 — Tancos — Descolam dois helitransportadores e um helicóptero com destino ao emissor do Rádio Clube Português no Porto Alto.

12,50 — Lisboa — A 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. emite a seguinte mensagem a todas as Unidades do Exército, Armada, Força Aérea, G. N. R., P. S. P. e G. F.:

«O COPCON, a Comissão Coordenadora do M. F. A. alertam todas as unidades para se colocarem em estado de mobilização para destruir forças rebeldes contra-revolucionárias que neste momento atacam unidades do M. F. A.»

Este rádio foi seguido de outro semelhante enviado para comandos militares das Ilhas Adjacentes e África.

13,00 — Porto Alto — Um grupo de civis armados e comandados por 2 militares atacam o emissor do Rádio Clube Português, interrompendo a emissão desta estação em onda média.

Os assaltantes faziam-se transportar em 2 helicópteros seguindo num o ex-major Silva Marques, António Simões de Almeida, João Alarcão Carvalho Branco e José Carlos Champalimaud e no outro o primeiro-tenente Nuno Barbieri, José Vilar Gomes, Eurico Vilar Gomes, António Ribeiro da Cunha e Miguel Champalimaud.

Deste ataque resultou a paralisação da emissão e destruição de material de elevada monta.

O ex-general Spínola tenta aliciar, pelo telefone, o major Jaime Neves, comandante do Batalhão de Comandos n.º 11, que lhe responde que só obedecerá à hierarquia a que está sujeito: o

COPCON, com quem aliás já tinha estado em contacto. Spínola procura, ainda, falar com o tenente-coronel Almeida Bruno que está presente, mas que se esquiva.

Pouco antes ou depois desta diligência o ex-general estabelece contacto com o tenente-coronel Ricardo Durão tentando obter por via deste e do capitão Salgueiro Maia, a adesão da E. P. C. O capitão Maia não atende este telefonema.

13,10 — Lisboa — A Emissora Nacional interrompe a sua programação normal e passa a transmitir directamente do Centro de Esclarecimento e de Informação Pública da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A., aconselhando a população de Lisboa a manter-se calma e vigilante em união com o M. F. A. e seus órgãos representativos.

13,20 — O major Rosa Garoupa telefona para o major Casanova Ferreira, comandante da P. S. P. de Lisboa, a pedir-lhe a ocupação do Rádio Renascença e que pusesse «no ar» esta Emissora (na altura em greve) com o fim de transmitir comunicados dos contra-revolucionários, acções que se não concretizaram.

13,30 — Lisboa — É transmitido pela E. N. o primeiro comunicado da 5.ª Divisão nos seguintes termos: «Vamos dar uma notícia concreta: 2 aviões e 2 hélicopteros atacaram o R. A. L. 1, unidade afecta e fundamental do M. F. A. Este ataque foi cerca das 12 horas. Portanto, são elementos pára-quedistas e outros elementos das Forças Armadas que se sublevaram contra a ordem democrática instaurada desde o 25 de Abril. Mais uma vez o M. F. A. e o POVO devem e têm de estar unidos, alerta e vigilantes contra estas manobras que não podem vingarem de maneira nenhuma. Acreditamos e estamos confiantes e pedimos a vigilância popular em união com os órgãos representativos do M. F. A., nomeadamente a sua Comissão Coordenadora, 5.ª Divisão do E. M. G. F. A., e Comandante-Adjunto do COPCON, Brigadeiro Otelo Saraiwa de Carvalho». Os diversos comunicados da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. tiveram papel importante no esclarecimento de militares que nas unidades desconheciam o que se passava.

13,30 — Uma força da G. N. R. constituída por 5 moto-blindados aparece nas imediações do G. D. A. C. I., tentando ocupar e desligar a antena da R. T. P. em Monsanto. Foram interpelados e intimados a retirar por forças do COPCON o que fizeram imediatamente.

14,45 — É transmitido o primeiro comunicado emanado do Gabinete do Primeiro-Ministro do seguinte teor:

«Esclarece-se a população terem-se verificado hoje, de manhã, incidentes envolvendo forças militares reaccionárias em tentativa desesperada de travar o processo revolucionário iniciado a 25 de Abril. Tais incidentes consistiram numa tentativa de ocupação do R. A. L. 1, envolvendo meios aéreos e terrestres. A situação encontra-se sob controle, pelo que se apela para que a população se mantenha calma, sem abandonar contudo a sua vigilância. A aliança entre o Povo e as Forças Armadas demonstrará, agora como sempre, que a revolução é irreversível.»

(Continua na pág. 6)

CONDENSADO DO LIVRO DESAFIO AO VENTO

«HAROLD KRENTS»

(Continuação do número anterior)

Por fim, uma envergonhada junta de recrutamento deu-me a classificação 4-F, mas continuei a receber enorme quantidade de cartas. Eram enviadas por pessoas de todo o país, dizendo-me que nunca mais se sentiriam constrangidas na presença de um cego, pois tinham compreendido que um cego era tão capaz de possuir senso de humor como qualquer outro indivíduo. Outras me escreviam sobre amigos ou familiares que tinham perdido a visão e diziam-se gratas por ter levado um pouco de humor às suas vidas. Estas cartas significaram muito, mas muito, mesmo, para mim.

Durante o meu segundo ano na Faculdade de Direito uma pessoa muito especial entrou em minha vida: Kit Williams. As circunstâncias que nos reuniram não tiveram nada de romântico: duas das minhas melhores leitoras me abandonaram e Kit foi uma das substitutas.

Nosso primeiro encontro ficou marcado para as quatro horas de uma tarde de Fevereiro. Pela manhã começou a nevar, ao meio-dia a espessura de neve era de 7,5 cm e a temperatura caíra muito. As leitoras do princípio da tarde telefonaram para cancelar a visita, depois as do fim da tarde fizeram o mesmo e até as do dia seguinte as imitaram. Mas de Kit não recebi notícias. Já estava convencido de que não viria quando — precisamente às 4h 57 min da tarde e com 25 cm de neve no chão — ouvi alguém bater de mansinho à porta. Numa voz de menina pequena que me pareceu tão quente como um dia de verão, Kit se apresentou. Chegara atrasada, explicou, porque eu não lhe indicara bem o caminho.

Foi Kit quem dirigiu, mais ou menos, aquela primeira sessão. Não trabalhamos muito. Kit achou a leitura tremendamente enfadonha e declarou que preferia falar a seu respeito. Depois, inesperadamente, perguntou-me onde estavam os meus companheiros de quarto e confessou que vestira a sua melhor saia e a melhor blusa para lhes causar boa impressão.

«Tive uma ideia», respondi-lhe. «Porque não organizo uma festa, em sua honra? Que procura num rapaz? Físico agradável, riqueza, ou ambas as coisas?»

«Nenhuma delas», respondeu e pela primeira vez foi uma mulher que falou com a voz de Kit. «Para mim o mais importante é ser útil.»

Creio que foi nesse momento que comecei a amá-la.

Antes de sair, perguntei-lhe porque viera, com toda aquela tempestade.

«Porque tinha prometido que viria e não podia decepcioná-lo, pois sei que, sem as suas leitoras, você fracassaria. Vim porque sabia que precisava de mim.»

O «VERDADEIRO»
HAROLD KRENTS

Pouco depois dos exames finais do segundo ano da Faculdade de Direito, meu pai me deu uma notícia maravilhosa. Um escritor de Hollywood chamado Leonard Gershe acabava de escrever uma comédia sobre um jovem cego inde-

pendente. Chamava-se *Liberdade para as Borboletas*. Gershe tivera a ideia depois de ouvir uma entrevista que eu dera, pela rádio, na época da confusão do meu recrutamento militar. A peça não era sobre mim mas fora eu que a inspirara.

Liberdade para as Borboletas estreou na Broadway em meados de Outubro de 1969 e teve êxito imediato. De repente, transformei-me numa pequena celebridade e minha vida passou a ser uma loucura de entrevistas para a televisão, para revistas e para jornais. Em Dezembro, uma revista chegou mesmo a mandar uma equipe de repórteres a Harvard, onde permaneceu dois dias e duas noites. Enquanto um fotógrafo da equipe batia milhares de chapas, o outro me assediava com perguntas destinadas a revelar o meu «verdadeiro eu», o estudante sensível e cego, cheio de fascinantes psicoses e neuroses.

Mas as minhas respostas não pareciam satisfazer o repórter — que por sinal era uma repórter — e esta acabou por se decidir a entrevistar as minhas leitoras voluntárias.

«Como é realmente Harold Krents, sob aquela fachada de normalidade?» — ouvi-a perguntar.

«Sinto decepcioná-la, mas Hal é exactamente como qualquer outro ser humano.»

«Mas deve se sentir deprimido. Nunca o viu triste?»

«Já», respondeu a leitora, que me conhecia havia dois anos. «Já o vi na maior depressão.»

«Estamos, finalmente, conseguindo arrancar alguma coisa. Quais foram os motivos desses períodos de depressão?»

«Oh, coisas como excesso de trabalho, um sábado chuvoso, ou o fim de um romance de amor. Aquelas estranhas coisas que só os cegos sentem, compreende?»

Por fim, a entrevistadora me perguntou se eu tinha uma namorada, e eu lhe respondi que saía com Kit desde Setembro. Convidou-nos, imediatamente, para um lauto jantar e começou a fazer perguntas:

«Alguma vez se sente envergonhada quando a vêem com Hal?»

«Como poderia sentir-me envergonhada de Hal?», replicou Kit. «Conhecê-lo foi a experiência mais significativa da minha vida. Ele tem sido uma inspiração para mim e para muitos outros, e tem mais coragem do que todos nós reunidos. Vi-o partir a cabeça contra a trave do gol, ao jogar futebol, e dois minutos depois correr pelo campo afora, como se não tivesse acontecido nada.»

Senti-me emocionado. Embora saísse com Kit havia dois meses, nunca imaginara, até àquela noite, quanto eu significava para ela.

«Hall possui um calor humano especial que me surpreende», continuou Kit. «Por muito trabalho que tenha, sempre arranja tempo para ouvir as pessoas que precisam de conselhos. Estas pessoas não têm nenhuma deficiência, não são diminuídas fisicamente, mas isso não as impede de considerarem a vida uma experiência triste e sórdida. Por isso, pedem auxílio a alguém que considera a vida uma

aventura emocionante. Envergonhada de Hal? Nunca. A luta que tem travado para que o tratem como um ser humano normal me enche de admiração e afecto. Só desejo que ele nunca se sinta envergonhado de ser visto comigo.»

Nessa noite fiquei acordado até muito tarde, com o coração a entoar um hino de amor à jovem que eu decidira fazer minha mulher.

Dessa altura em diante, Kit e eu passámos a andar sempre juntos. Ela me prestou um grande apoio durante o meu 3.º e último ano na faculdade. No entanto, naquela época eu começara a procurar emprego nos cartórios de advogados, e me sentia bastante desanimado. As recusas se sucediam e, não raro, as pessoas chegavam a ser de uma franqueza brutal. Não acreditavam, pura e simplesmente, que um cego pudesse ser bem sucedido na carreira jurídica.

A amargura é uma emoção estúpida e inútil, mas, para mim, era difícil deixar de senti-la. Dedicara três anos de trabalho árduo para obter uma boa formação jurídica e achava que tinha pelo menos o direito de mostrar o que podia fazer.

«Como você poderia se encarregar de trabalho de pesquisa jurídica?», havia sempre quem perguntasse.

«Muito simples: arranjaria uma secretária para me acompanhar à biblioteca e ela procuraria para mim o que eu desejasse. Tomaria apontamentos em Braille e depois lhe ditaria um memorando.»

«Impraticável», respondia um.

«Impossível», concordava outro.

«Mas tenho utilizado esse sistema, com êxito, em debates de competição na Faculdade de Direito de Harvard!», protestava, mas em vão.

Ainda tenho uma gaveta cheia de negativas de firmas de advogados. Recebi até recusas de firmas que nem sequer contactara. Alguém as consultara sobre a possibilidade de me concederem, ao menos, uma entrevista, e isso, por incrível que parecesse, também me era negado.

Creio que esta rigidez é perigosa para todo o sistema jurídico. A Lei requer uma certa dose de flexibilidade, e, para que um sistema jurídico sobreviva, os que nele trabalham deviam reflectir a mesma flexibilidade.

«RISO, ALEGRIA E FELICIDADE»

Em princípios de Maio, um mês antes de me formar, comecei a ter grandes dores de cabeça. Um dia fechei os olhos, para aliviar a dor, e quando os abri o vislumbre de percepção de luz do meu olho direito desaparecera. Pela primeira vez na vida encontrava-me mergulhado em total escuridão. Vivi isolado durante o resto da semana. Só Kit compartilhava o meu terror, e foi quem insistiu em que a minha alegria de viver não podia depender de uma réstia de luz.

No sábado seguinte, saímos na esperança de alugar uma bicicleta tandem, a fim de irmos a Walden Pond. Regressámos depois de duas horas. Correrá tudo mal. Não conseguimos encontrar um tandem, a única bicicleta em que consigo andar, ninguém aceitara alugar

um automóvel a um cego e Kit não tinha a idade necessária para dirigir. Tentamos jogar bola, às margens do rio Charles, mas a grande bola de borracha, que sempre usara sem dificuldade, batia-me constantemente na cara, quando queria agarrá-la.

Desanimados e tristes, atravessámos o pátio de Harvard, de regresso ao meu quarto. Parámos para descansar um momento nos degraus da capela da universidade.

«Hal, querido, porque não entramos um pouquinho?» — sugeriu

Entrámos e sentámo-nos num

Kit. banco e deixámos que a quietude nos envolvesse. Alguém começou a tocar órgão e eu tive a estranha sensação de que Deus estava presente. «Porque me acontece isto? Porquê?», pensei. «Era um raio de luz, tão pequenino!»

Comecei a soluçar, enquanto pensava no meu futuro de trevas. De súbito, tive consciência de que Deus segurava a minha mão — ou seria Kit? — e fui invadido por uma agradável sensação de paz, que me aqueceu a alma. Era o sol expulsando a neblina matinal. Tenho tantos motivos de gratidão! Estou prestes a me bacharelar em Direito; amo uma moça maravilhosa, que retribuí o meu amor. Tenho a vida à minha frente — tenho amor, riso, alegria e felicidade para o meu futuro!»

Mais um obstáculo a vencer, depois do bacharelato. Durante o verão, tive de me submeter ao exame de admissão na advocacia do Estado de Nova York. Uma tarefa cansativa. Kit me ajudou, lendo-me perguntas. Naturalmente, a família Krents se fez presente e, por turnos, deu-me o seu auxílio.

Os dois dias do exame foram dos mais difíceis da minha vida. Terminei finalmente as provas, com a desagradável sensação de não saber se fracassara ou passara. Os resultados seriam publicados no dia 1.º de Dezembro, no *Times* de Nova York. Nesse outono passei muitas noites em claro, contando recibos em vez de carneiros. Até que o dia 1.º de Dezembro chegou. Meu pai e eu entrámos numa fila de outros estudantes e pais ansiosos à porta do *Times*, no centro de Nova York. Os jornais chegaram, enfim. Meu pai agarrou um e começou a ler os nomes dos aprovados:

— Kelly... Kirk... Klawson... Kopp... Krents, Harold Krents. Ali, eu disse adeus ao bebé, ao moço, ao adolescente e ao jovem adulto.

«Um a zero para nós papai», exclamei, exultante. «Acabou-se tudo!»

«Não acabou nada», replicou. «É apenas o início de um mundo maravilhoso, que agora vai começar!»

Em Março de 1971, pouco depois de fazer o exame de admissão à Advocacia, Harold foi contratado por Surrey, Karasik and Morse, uma firma de advogados de Washington, e, passados poucos meses, casou-se com Kit. Há um ano que está de licença, estudando para se diplomar em Direito pela Universidade de Oxford, da Inglaterra, graças a uma bolsa de estudos, que conseguiu obter da Rotary Overseas.

Relatório Preliminar sobre o

11 de Março

(Continuação da pág. 3)

15,00 — Soldados e sargentos da B.A. 3 amotinam-se contra os conspiradores e arrombam as viaturas civis utilizadas pelos elementos estranhos donde retiram armamento.

Dá-se início à fuga de Spínola e acompanhantes que se fazem transportar num héli para o R.C.P.

15,15 — R. A. L. 1 — A grande maioria dos pára-quedistas que atacaram o R. A. L. 1 depõem as armas e juntam-se aos camaradas desta Unidade.

— Lisboa — O Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho dá conta ao País da normalização da situação:

«Neste momento, o que se pode dizer é que cerca das 12 horas o R.A.L. 1 foi sobrevoado por dois aviões T-6 e quatro helicópteros que inopinadamente bombardearam as instalações do quartel. Houve alguns feridos. Esta operação foi seguida dum desembarque de pára-quedistas. As forças de pára-quedistas mal tinham a noção do que estavam a fazer; podem ter sido ludibriadas pelos responsáveis que lhes teriam dito que o R.A.L. 1 estava ocupado por tropas inimigas do 25 de Abril e que estaria dominado pelos comunistas, como sempre dizem nestas circunstâncias. Prova é que os pára-quedistas entraram hoje em ligação fácil com os populares que tinham ali acorrido.

Todas as forças do Exército se portaram muito bem. Tenho ainda neste momento forças de reserva que não necessitei de utilizar.

A situação está dominada excepto no quartel do Comando da G.N.R., no Carmo, que alguns oficiais tomaram de assalto, prendendo o comandante Pinto Ferreira».

E a terminar, Otelo Saraiva de Carvalho, sereno, com ar confiante, afirmou:

«A situação está perfeitamente calma. (...)

Quanto aos responsáveis do sucedido, eles serão exemplarmente castigados.

As forças do Exército, no país estão totalmente serenas e com o M.F.A.. O COPCON vive um curto clima de agitação mas também de tranquilidade».

E terminou, apelando para a população:

«As massas populares devem manter-se vigilantes, mas calmas, não aderindo a movimentos de extremistas. Em qualquer momento que as Forças Armadas não controlem a situação, não hesitarei em lançar mão do auxílio precioso das massas populares. A democracia é ainda muito jovem e é preciso lutar de dentes cerrados contra todos estes ataques

Que as massas populares não tomem medidas extremistas e desnecessárias».

17,15 — O primeiro-ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, dirige, pela TV e Rádio, uma alocução ao povo português:

«Uma minoria de criminosos lançou homens das Forças Armadas contra homens das Forças Ar-

madadas, que é o maior crime que hoje se pode perpetrar em Portugal.

Beneficiando da grande benevolência que os generosos obreiros do 25 de Abril têm tido para com os seus inimigos, tentaram dividir o País, ao serviço das forças reaccionárias para que tantas vezes tem sido chamada a atenção. Espero que isto seja uma verdadeira lição para todos os portugueses, para os partidos políticos, para os sindicatos, para as Forças Armadas, para todos os patriotas. Os nossos verdadeiros inimigos são, de facto, a reacção e os fascistas. E a reacção traduz-se na prática por aqueles que se opõem ao desenvolvimento e ao progresso da nossa Pátria dentro do Programa das Forças Armadas e no sentido que o M.F.A. lhe tem procurado imprimir. São todos aqueles que quotidianamente travam este processo revolucionário, quer ao nível de repartições públicas, quer ao nível das cúpulas, a todos os níveis; essa luta quotidiana que todos os democratas travam contra os seus inimigos é que significa a luta que o povo português trava contra a reacção.

Eu daqui exorto as massas trabalhadoras para que não se deixem desunir nos seus sindicatos; para que se unam, para que vejam bem onde estão os seus inimigos e os seus amigos.

A unidade das massas trabalhadoras é indispensável à consolidação da revolta democrática portuguesa.

No momento em que estávamos a ser atacados, estava-se preparando uma greve nos TAP; é preciso que os trabalhadores dos TAP, por exemplo, entre outros, tomem bem consciência dos perigos que correm ao dividir-se, ao cindir-se do M.F.A. e que estejam alerta para quem os divide.

Os trabalhadores devem tirar todas as conclusões desta tentativa reaccionária de lançar F.A. contra F.A.; de lançar camaradas de armas contra camaradas de armas, servindo-se das maiores mentiras, de ignomínias; lançando homens honrados em aventuras, condenadas, antecipadamente, ao fracasso porque o M.F.A. tem consigo a maioria das massas trabalhadoras e dos patriotas portugueses.

Também os partidos políticos é bom que tirem as ilações da situação que acabamos de viver. Em lugar de se lançarem em lutas, uns contra os outros, em lugar de se dividirem que se unam. Unam-se em volta da bandeira da nossa Pátria, unam-se em volta do verdadeiro progresso da nossa Pátria com as ideias revolucionárias que traz o programa das F. A.

Os partidos políticos têm obrigação de tirar bem a ilação deste acontecimento.

Por outro lado, as forças progressistas desses mesmos partidos políticos apoiaram-se nestes momentos. Devemos reconhecê-lo e mais uma vez afirmar que a revolução portuguesa só pode marchar em frente em estreita aliança do M.F.A. com os partidos políticos progressistas e patrióticos que verdadeiramente estão interessa-

dos na mudança de rumo da vida política, económica e social portuguesa.

A todos os portugueses, a todos os patriotas, quer os trabalhadores, quer a pequena burguesia, quer os pequenos comerciantes, os quadros, os médios comerciantes, peço que vejam bem as aventuras para que os nossos inimigos nos podem lançar e que tenham confiança no M.F.A., que está atento e em ligação estreita com o povo português e não permitirá que a reacção volte a dominar este País.

Viva Portugal.»

17,30 — O Presidente da República, através da E.N. emite um comunicado:

«O Presidente da República e Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas — General Costa Gomes — através da 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. dirige-se e informa a população de que a aventura contra-revolucionária que levou uma unidade de tropas pára-quedistas a atacarem o Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1 (RAL1) na Encarnação (no limite de Lisboa), foi conduzida por traição de alguns quadros, enganando e arastando consigo os soldados e outros subordinados, com informações falsas e provocatórias que os levaram a disparar contra os camaradas do R.A.L. 1.

Dado que a situação se está a esclarecer e a tender para a normalidade, o Presidente da República alerta contra manobras de agentes provocadores que poderão aliciar e levar a população a perder a calma e serenidade, levando a uma luta fratricida que só servirá os intentos das forças reaccionárias apostadas em destruir a Democracia Portuguesa.

Que desta lamentável aventura saia mais uma vez reforçada a unidade POVO-M.F.A. e que a população portuguesa dê mais um exemplo ao mundo da sua maturidade cívica.»

É transmitido novo comunicado da 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. em que se fazia o ponto da situação militar no País:

«Às 17,15 horas a situação encontra-se quase normalizada.

Em Tancos a situação está dominada e encontra-se preso o comandante do Regimento de Pára-quedistas, coronel Rafael Durão.

Entretanto fugiram de carro, certamente em direcção à fronteira, os generais Spínola e Galvão de Melo e os comandantes Alpoim Calvão e Rebordão de Brito e o primeiro-tenente Benjamim.

Apela-se para a população que, em colaboração com as Forças Armadas se mantenha vigilante nas fronteiras.

Na G.N.R., Quartel do Carmo, a situação encontra-se também normalizada, tendo conseguido evadir-se o general Damião que, ilegalmente, assumiu o Comando.

Reassumiram as suas funções o general Pinto Ferreira e os coroneis Vicente da Silva e Stone.

Nas restantes Regiões Militares do País a situação mantém-se normal.

Até ao momento, só se tem conhecimento de alguns feridos na acção contra o R.A.L. 1».

19,00 — ESPANHA — Spínola, acompanhado de sua mulher e al-

guns militares, chega à base aérea de Talavera la Real, a 16 km de Badajoz.

22,35 — LISBOA — O Presidente da República, general Costa Gomes, dirige uma mensagem ao País:

«Dirijo-me a todos os portugueses na hora em que mais uma aventura reaccionária foi posta em marcha.

É do conhecimento geral o ambiente alarmista, onde a indisciplina social vem sendo incrementada e explorada, por agitadores profissionais e pseudo-revolucionários, ao serviço das forças da reacção, tudo servindo para criar um clima favorável e críticas conducentes ao desprestígio do M. F. A. e do Governo Provisório.

Segundo o que se encontra já apurado, a manobra reaccionária teve as seguintes linhas mestras:

1.º Criação de um clima geral de intranquilidade política e social em todo o País, como, por exemplo, a agudização de problemas de trabalho, greves nos estabelecimentos de ensino, boicote das leis do Governo Provisório, sabotagem económica, criação de conflitos entre partidos políticos, boatos difamantes das principais personalidades do M.F.A. e do Governo Provisório.

2.º Acção militar divisionista entre Forças Armadas e Militarizadas, lançando-as numa guerra civil.

3.º Agregação a este plano de elementos civis.

A situação está sob total controlo do M.F.A. Entre os responsáveis, menciono, desde já, os seguintes: general na reserva António de Spínola; general da F.A. na reserva, Rui Tavares Monteiro; general do Exército Freire Damião; capitão-tenente, na situação de licença ilimitada, Guilherme Alpoim Calvão; coronel na reserva da F.A., Durval Serrano de Almeida; capitão-de-mar-e-guerra Paulo Belmarço da Costa Santos; capitão pára-quedista Rafael Durão; coronel de infantaria na reserva Espadinha Milreu; capitão de infantaria do Q.C. Valério da Silva; capitão de cavalaria do Q.C. Lopes Mateus; capitão de infantaria do Q.C. Almeida Coelho; tenente de infantaria do Q.C. Carlos Alves; tenente de cavalaria do Q.C. Antero Rebelo; tenente de cavalaria do Q.C. Oliveira Santos; coronel de infantaria na reserva, Martiniano Gonçalves; major de cavalaria na reserva, Simões Pereira; major de cavalaria Ferreira Fernandes; major de infantaria Teotónio Pereira; tenente do Q.C. Canavarro e tenente do Q.C. Barros.

Parte destes oficiais já se encontram detidos e todos os responsáveis serão rapidamente julgados e punidos.

Agradeço ao Povo Português a adesão espontânea de todos quantos colaboraram, com recta intenção, na defesa da nossa Revolução. Às Forças Armadas determino que redobrem a sua vigilância e se mantenham atentas.

Termino com um apelo nacional à colaboração que necessitamos: calma, ordem, tranquilidade e trabalho para a construção da nossa Democracia. Assim venceremos.»

PONT ZER

Quando numa sociedade como a nossa, a crise do capitalismo se agudisa sempre mais, não principalmente por reflexo da crise do capitalismo «sistema», mas porque manifesta a vontade popular em avançar decididamente para o Socialismo.

Quando um exército é manifestamente a vanguarda armada desse povo explorado.

Quando a estratégica da Burguesia chega ao ponto de pretender confundir os seus objectivos com os dos trabalhadores, continuando a utilizar o obscurantismo Político e Religioso para acorrentar as pessoas que continuam vítimas.

Quando a Burguesia pretende manifestar em eleições a sua implantação nas massas que explora.

Quando o povo votou e quer desde Abril/74 o Socialismo.

Quando esse povo trabalhador é por via das cúpulas dos dois partidos dividido em duas frentes que por vezes chegam a ser antagónicas.

Urge que se ultrapasse os dirigismos divisionistas da classe trabalhadora e se forme uma frente unida da classe a qual tornará possível conhecer onde acabam os que querem de facto o Socialismo e começam os que pretendem estagnar na Social Democracia, além de que, Unidos, seremos o ímen forte que há-de atrair os ainda acorrentados e enganados camaradas que a Burguesia controla.

PARA A HISTÓRIA DA ADFA

2.ª Assembleia Geral Ordinária

Realizou-se no passado dia 19 de Abril pelas 15 horas no Lar Militar da Cruz Vermelha a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação e aprovação do relatório e contas do exercício de 1974;

2.º — Eleições dos órgãos administrativos para o biénio de 1975/77;



3.º — Discussão de quaisquer outros assuntos apresentados em assembleia.

A sala encontrava-se quase totalmente cheia, o que mostra o interesse da luta do deficiente na reintegração na sociedade e no processo revolucionário em curso.

A assembleia estava constituída por três mesas: a da assembleia propriamente dita, a da direcção, e pela do conselho fiscal.

Entretanto foram distribuídos a todos os associados presentes o relatório e contas, o parecer do conselho fiscal, e um boletim de voto.

O presidente da assembleia geral depois de declarar a sessão

aberta começou por dar a palavra à direcção para que desse conhecimento do relatório e contas, seguindo-se a palavra ao presidente do conselho fiscal para o parecer do mesmo.

Depois destes documentos serem lidos houve a troca de palavras entre sócios e a assembleia para aclarar quaisquer dúvidas que surgissem da parte dos associados, seguindo-se logo após a aprovação do mesmo.

Entretanto o camarada Calvino (presidente da direcção), no fim de ler o relatório fez uma pequena referência: «este relatório foi feito precisamente em nove de Março no qual constam determinadas atitudes, muito principalmente do Ministério da Educação e Cultura, que devido ao 11 de Março surgido dois dias depois, foi abrangido pela reestruturação ministerial. Contamos que agora com mais este passo em frente pelo socialismo se venha alterar também a colaboração que até à data não tinha sido prestada pelo M. E. C.».

Seguidamente foram lidos o relatório e contas pelo nosso cama-

rada Sertório (tesoureiro da Associação) e o parecer do conselho fiscal por um dos seus componentes.

Dos esclarecimentos solicitados pelos associados sobre o relatório e contas salienta-se o da tourada de Portimão realizada no dia 5 de Outubro de 1974, em virtude de se ter verificado prejuízo. A assembleia foi informada de que o referido assunto está a ser objecto de um inquérito dado que se põe a hipótese de se terem verificado desvios de fundos, porque alguns bilhetes foram comprados a preços superiores aos estabelecidos.

Das propostas apresentadas à mesa salienta-se duas das mais significativas, uma, a de um voto de louvor por aclamação à direcção cessante e, outra, de um minuto de silêncio à memória e honra de todos os camaradas que tombaram nas ex-colónias por interesses capitalistas e fascizantes.

Tendo-se procedido à votação da única lista candidata aos órgãos administrativos para o biénio de 1975/77, apuraram-se os seguintes resultados: Votos positivos: 140; negativos: 20; abstenções: 41 e votos nulos: 1.

A lista eleita tem a seguinte constituição:

Direcção — Presidente: Jorge M. Pardal Maurício; Vice-Presidente: António Joaquim Lavouras Lopes; 1.º-Secretário: Humberto Sertório; 2.º-Secretário: Hugo António L. Guerra; Tesoureiro: José Albino A. Gabriel.

Assembleia Geral — Presidente: António Guerreiro Calvino; 1.º-Secretário: Alcino Pinto dos Santos; 2.º-Secretário: Vítor Manuel Leal Mendes.

Conselho Fiscal: Presidente: Luciano Dias; 1.º-Vogal: João Filipe de Ascensão; 2.º-Vogal: Ludgero dos Santos Sequeira.

(Continua na pág. 7)



ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES
DAS
FORÇAS ARMADAS

ASSINAR o «ELO» significa estar de acordo com um conjunto de ideias e sobretudo apoiar os deficientes na sua luta.

Recorte e envie para o JORNAL «ELO — PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA — LARGO DE S. DOMINGOS — LISBOA

QUEIRAM CONSIDERAR-ME ASSINANTE DO VOSSO
JORNAL

NOME

MORADA

SEMESTRAL 30\$00

ANUAL 60\$00

marque com um X no quadrado respectivo.

O DEFICIENTE E A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA

Se o deficiente deseja lutar por uma verdadeira reintegração na sociedade terá em primeiro lugar que compreender a realidade em que vive, na medida em que, só a conhecendo a poderá transformar.

Por essa transformação tem lutado há longos anos o Povo Português.

Por ela lutam e lutaram os pescadores, os camponeses, os operários e os trabalhadores.

Por ela lutam os homens que concretizaram o 25 de Abril.

E por essa sociedade, na qual os deficientes deixem de ser «OS DEFICIENTES», mas passem a ser Povo, e onde não caiba a exploração, tem o deficiente que dar o seu contributo pois é esse o seu dever.

Este artigo é o primeiro de uma série, com a finalidade de demonstrar que o processo de reintegração dos deficientes não pode, de modo algum, ser isolado da luta travada pelos trabalhadores, pelas forças progressistas, e pelo M.F.A.

E como não pode ser isolado, têm os deficientes que assumir as suas responsabilidades, compreender que na transformação duma sociedade os objectivos económicos e políticos não podem ser opostos.

Para que o 25 de Abril seja uma realidade o poder económico não pode estar separado do poder político.

A nossa reintegração só é possível se o Governo agir com mais firmeza.

Mas para isso temos que ombrear na luta da classe trabalhadora pois só com a sua participação o processo revolucionário se pode consolidar.

Para analisarmos como se efectua a exploração do deficiente na sociedade capitalista em que vivemos é necessário:

1.º — Observar como se processa a exploração dos trabalhadores nesta sociedade.

2.º — Situar o deficiente nessa sociedade.

(Continua na pág. 2)